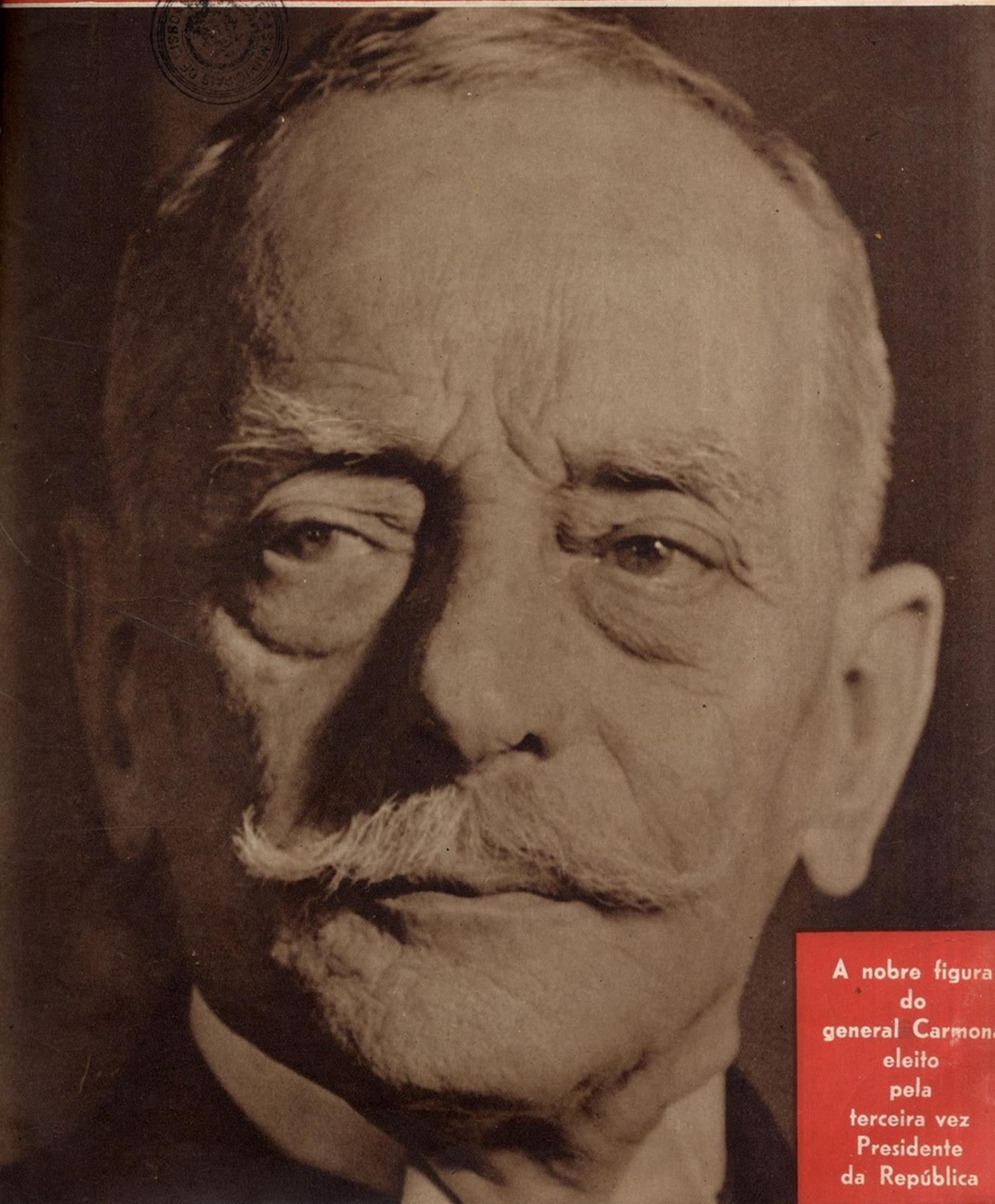


DEPÓSITO LEGAL
MAR 1942
333

532

MUNDO GRÁFICO



A nobre figura
do
general Carmona
eleito
pela
terceira vez
Presidente
da República

B. B. C.

**A Voz de Londres
fala e o Mundo
acredita**

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15 noticiário	G R Z . .	13,86 m. (21,64 mc/s)
12,30 actualidades	G S O . .	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*) noticiário	G S C . .	31,32 m. (9,58 mc/s)
21,15 actualidades	G S B . .	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T . .	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em
24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V



Sumário

EPISÓDIOS DO EXÉRCITO ANGLO-RUSSO, de Rocha Martins

REFLEXOS DO MUNDO

OSVALDO DE ARANHA, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «Observador»

OS AMERICANOS VOLTAM À EUROPA

UM COMBOIO DE MUNIÇÕES PARA A EUROPA

V SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA

CAVALARIA MOTORIZADA

A REELEIÇÃO DO CHEFE DO ESTADO

A CAMINHO DA VITÓRIA

ACTUALIDADES NACIONAIS

O ORIENTE EM FOGO

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

CAMPANHA DA RÚSSIA, de Carlos Ferrão

FUNÁMBULOS, A POESIA DO CIRCO, de R. de M.
(fotografias de J. Lobo)

A OFENSIVA AÉREA DA INGLATERRA

PAGINA FEMININA, de Aurora Jardim

UM ÊRRO TELEFÓNICO, de Arlete Lopes Navarro

O INFANTE D. HENRIQUE, ALMA DAS DESCOBERTAS

CINEMA, de António Lourenço



SOL POENTE

(Cliché do ilustre poeta Afonso Lopes Vieira)

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarías

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



Encadernações do
MUNDO GRÁFICO

Capas 10\$00

Empastes 5\$00

Pedidos à Administração
de MUNDO GRÁFICO, L.ª

RUA DAS GÁVEAS, 6-2.º
TELEF. 25240

REFLEXOS DO MUNDO

Estrêlas enfermeiras



O interesse de Hollywood pela luta é já conhecido. Atores mobilizados, delicadas a favor dos que na frente expõem a vida e dos que nos hospitais sofrem o efeito da metralha inimiga, acolhimento e ternura para as crianças foragidas da Europa e produções magistrais a mostrar o espírito heroico e o sofrimento exigidos pela guerra, eis, entre muitas, algumas das contribuições da Cinelândia.

Com a entrada da América na guerra aumentou esse interesse. É com coraço e serenidade que as grandes figuras do ecran afrontam o monstro devorador.

Na Cruz Vermelha americana alistaram-se recentemente Mirna

Loy, Joan Crawford, Loretta Young e Constance Bennett entre outras.

Quási que vale a pena ser ferido para ser tratado por uma dessas lindas enfermeiras.

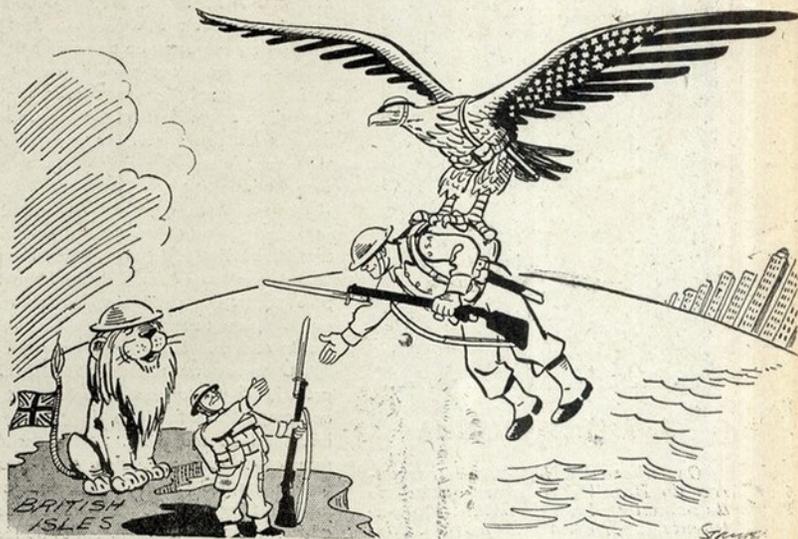
O seu sorriso é uma convalescença rápida.

Terra em braza



Nas Indias Orientais Holandesas parece que se está seguindo a tactica adoptada no leste da Europa. Destruir tudo para que o inimigo não tenha recursos no território invadido. Grandes ou pequenos centros petrolíferos e industriais são arrasados. Só em Tarakan e Balikpapan foram inutilizados antes da occupação nipónica, mais de 10 mil toneladas de petróleo.

O inimigo avança sobre ruf-



A vanguarda do gigantesco Exército americano chega à Europa

nas e os seus pés caminham entre cinzas fumegantes. Os holandeses chamam a esta politica «a politica de terra em braza». Braza viva que arde, queima e incendeia o corpo, mas cura e fortalece a alma dos patriotas neerlandezes.

Churchill



A América mostrou-se mais unida na sua defesa que os outros continentes. Desde o primeiro momento que a causa aliada despertou no

Novo Mundo a mais viva simpatia.

E não só a causa aliada, mas os homens que a encarnam e em particular Winston Churchill, que simboliza a nobre causa da civilização. Vem a propósito dizer que o primeiro ministro britânico é filho de uma americana.

Liga assim pelo coraço, pela inteligência e pela nobreza, dois continentes num verdadeiro símbolo de amizade.

Em nome dos literatos mexicanos o escritor Rafael Muñoz enviou a Churchill mil charutos mexicanos, das melhores qualidades para lhe demonstrar como a sua ingente tarefa é apreciada naquele país.

Pequeno heroi



Não é raro, através da história o facto de crianças condecoradas em combate pelos seus feitos. Muitas vezes das têm sal e exércitos e enganado os inimigos ou recusando dar-lhes a menor informação. O patriotismo é nelas sem mancha como o viço de flor orvalhada pela manhã.

O iugoslavo Holya Andrianov, de 14 anos, tem manifestado a maior coragem e serenidade em frente do perigo. E' extraordinária a sua habilidade em descobrir ninhos de metralhadoras. No mais intenso fragor de batalha guia os soldados do seu país onde quer que o inimigo esteja, e por mais camuflado que se encontre. A pericia e coragem de Holya Andrianov tornaram-se lendárias. O seu patriotismo é um exemplo que deve ficar na história da Iugoslavia.

Falta de café

A agência telegráfica norueguesa informa que se esgotaram todas as reservas de café existentes na Noruega. Acabaram-se os fornecimentos dos grandes comerciantes e dos retalhistas, segundo afirmou em público o Ministro dos Abastecimentos, tendo sido suspensa a venda ao público. Os últimos gramas de café que ainda restavam foram

distribuidos pelos pescadores, a razão de cerca de 14 gramas semanais. Na altura da invasão os «stocks» chegavam para dois anos.

ATAQUE A
INDIGESTÃO
DESTA MANEIRA
FÁCIL

UMA DOR
UMA RENNIE
UM, SORRISO!

QUANDO a digestão for penosa, sentir dores depois de comer, não se sujeite a este sofrimento até chegar a casa. Acabe com a dor em 80 segundos, sem dificuldades nem complicações e mesmo sem recorrer ao copo de água.

Pegue em duas Pastilhas Rennie, meta-as na boca e deixe-as dissolver lentamente. 80 segundos depois, ver-se-á livre das dores.

As Pastilhas digestivas Rennie fáceis de tomar, são eficientes por agirem, simultaneamente, de 3 formas. Rennie contém anti-ácidos que neutralizam o excesso de acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que auxiliam a digestão. Rennie é usada e recomendada por 1.198 médicos. Todas as farmácias as vendem.

Cabelo FORTE E PUJANTE!

SUSPENDE A QUEDA DO CABELLO. FORTIFICA-LHE AS RAIZES E ELIMINA A CASPA

PETRÓLEO QUÍMICO NALLY



A DECISÃO DA VITÓRIA PERTENCERÁ A ÉSTES HOMENS

OS AMERICANOS VOLTAM À EUROPA

O dia 26 de janeiro de 1942 ficará assinalado na história. Pela segunda vez, num quarto de século, os americanos desembarcaram na Europa. Com uma regularidade cronométrica o seu número, os seus movimentos, as suas intenções repetem o número, os movimentos, as intenções dos heróis que há vinte cinco anos chegaram para anunciar a vitória. Eram então, como hoje, alguns milhares. Como hoje, o seu propósito firme era o de vencerem ou morrerem. Souberam

vencer os de ontem, como os de hoje saberão vencer.

Em junho de 1917, o general Pershing, cujo nome havia de se ilustrar de maneira imorredoura nos anais da última conflagração, desembarcou em Liverpool, com o seu estado maior e uns milhares de rapazes frescos e desempenados que eram a vanguarda do exército da vitória. Em janeiro de 1942, o general Russell Hartle com o seu estado maior e uns milhares de soldados, chegou a um porto



Esta assinatura é a libertação do mundo. O grande Presidente Roosevelt firma a sua primeira declaração de guerra

não revelado no Ulster anunciando que com ele vinham as esperanças e as realidades da América. Entre os dois actos decorreram precisamente vinte cinco anos.

O governo inglês fez-se representar na recepção aos soldados americanos pelo ministro da aeronáutica, Sir Archibald Sinclair. Este membro da gabinete fez uma pequena e comovida alocução cujas passagens essenciais podem resumir-se assim:

"Os soldados americanos chegaram ao nosso país, não para descansarem no meio de estranhos mas para colaborarem com os seus irmãos e companheiros de armas. Talvez a sua missão consista em nos ajudar a defender esta ilha (a Irlanda) que é uma fortaleza. Talvez levem conosco a guerra no território ocupado pelo inimigo ajudando-nos a libertar da sua tutela os povos oprimidos da Europa."

Nenhum segredo, portanto, quanto à tarefa que vai ser cometida aos recém-chegados. Sir Archibald também não ocultou os motivos verdadeiros que explicam a sua arriscada viagem:

"A sua chegada marca o início dum período novo na história desta guerra. Não se trata dum acto isolado. É o começo da execução dum plano estratégico e portanto elaborado em comum

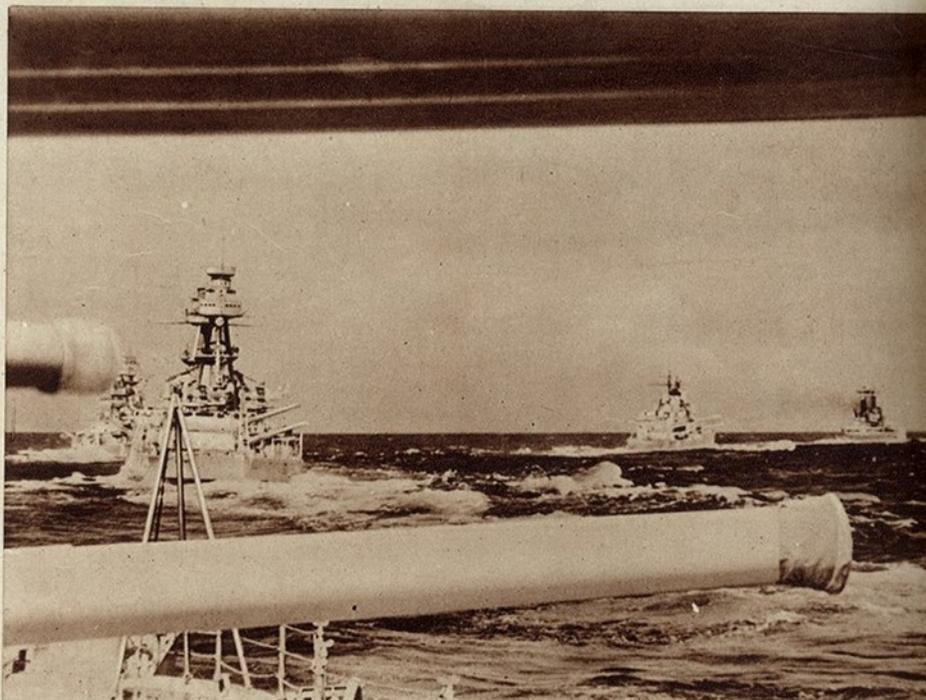
pelos chefes responsáveis dos dois países, o presidente Roosevelt e o Primeiro Ministro, Churchill."

Não se trata, portanto, nem duma improvisação nem dum acto isolado. Trata-se dum plano maduramente estudado e que será executado até às últimas consequências.

Os soldados americanos que desembarcaram pela segunda vez na Europa são um produto do serviço militar obrigatório. A condição foi oportunamente estabelecida, graças à visão política de Roosevelt, e os Estados Unidos puderam assim ter em armas, na hora da prova, um milhão e quinhentos mil homens devidamente adestrados e equipados. A primeira classe chamada às fileiras viu o seu período de serviço prolongado por dezóito meses. Que aconteceria se essa medida de elemental prudência não tivesse sido tomada oportunamente?

O aspecto dos soldados norte-americanos entusiasma tôdas as pessoas que assistiram ao seu desembarque. A preparação física, o treino militar revelado na marcha e o equipamento mereceram às autoridades britânicas um côro incondicional de louvores.

O primeiro contingente de tropas desembarcado totaliza uma divisão de infantaria, com os seus especialistas. São cerca de vinte mil homens. Dois episódios curiosos merecem registo especial. O comandante do corpo desembarcado, general Hartle, tem 52 anos, e, como o seu antecessor general Pershing distinguiu-se, pela sua bravura e pericia, em combates na fronteira do México. O primeiro soldado desembarcado é de origem alemã, Milburn Henke, natural do Minnesota e revelou, ao desembarcar, um entusiasmo vibrante. O comando supremo das forças americanas que se destinam a operar na Europa foi confiado ao general James Charley a quem o seu colega Hartle ficou subordinado.



É protegido por estes poderosos canhões da esquadra americana que o Exército do gigantesco país atravessa o Atlântico para defender os direitos dos povos europeus

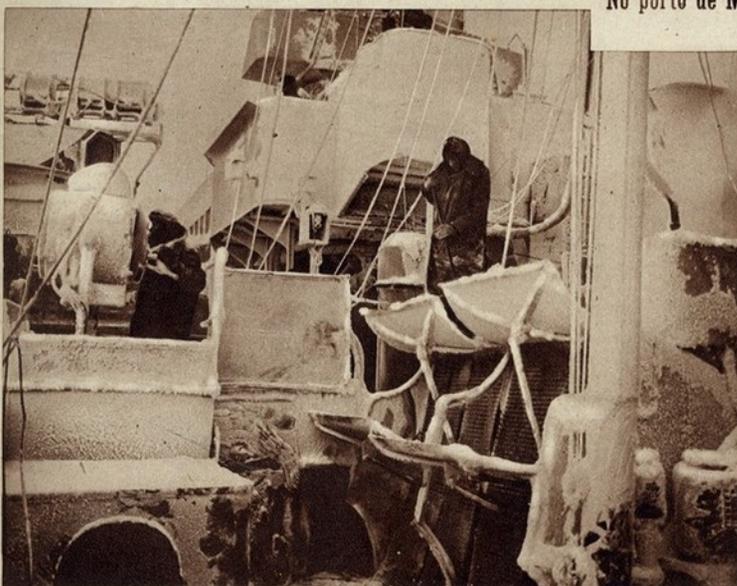
UM COMBOIO DE MUNIÇÕES PARA MURMANSK



Na ponte de comando. O cruzador, na testa da coluna, avança entre os gelos do oceano Artico. A neve recobriu tudo com os seus curiosos efeitos



No pôrto de Murmansk. O cruzador inglês ancorou. O "comboio," nada sofreu. Os marinheiros, agora, com pás, limpam o convés da neve



A fantasia do gelo. Não é apenas a neve, mas o gelo e o nevoeiro que os heroicos marinheiros têm de vencer. Mas a esquadra inglesa e a sua marinha mercante estão em toda a parte e navegam em todas as condições



A noite polar. O cruzador parece um navio fantasma. Nem uma estrela ao alto, mas em baixo, no coração dos homens, palpita a luz maravilhosa da vitória e do heroísmo



Meia noite. O "comboio," guardado pelos canhões da esquadra já está próximo do seu destino. Os homens dormem vestidos numa torre da artilharia



Lutando contra a neve. Os fogueiros vêm muitas vezes à tolda e, com jactos de água quente, derretem o gelo que se acumulou nas super-estruturas do navio.



O V SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA

Um curioso aspecto de Vila Nova de Gaia do
distinto artista português António Mendes



Uma perseguição vertiginosa. Um automóvel infringiu o Código e não obedeceu ao sinal de parar. O ponteiro de conta quilômetros tremula nos «cem» e os estribos das motos quase roçam o asfalto. Mais umas centenas de metros e o transgressor não prosseguirá

CAVALARIA MOTORIZADA

Tentadora — oh! se é tentadora a velocidade! Vencer o espaço e o tempo — o espaço que nos oculta horizontes desconhecidos e intangíveis e o tempo que nos aproxima irremediavelmente do Fim. Reduzir o espaço e o tempo a dois factores inversamente proporcionais e dominar o infinito num instante — o universo na oscilação simples de um pêndulo.

Oh! se é teitadora a velocidade. Sempre e sempre mais depressa, vertiginosamente!

— Louco devorador de distâncias: Alto! Olha que não sabes o que está para além daquela curva do teu caminho e o desconhecido nem sempre perdôa a tua curiosidade. Pára e escuta. Essa tua ânsia de vencer o espaço e o tempo custa muitas vezes — tantas vezes! — a vida do teu semelhante e até a tua. Porque não és prudente e disciplinado? Chegarás não quando queres mas quando *deves* chegar. Isso te aconselha a prudência se não desejas que a lei to imponha. E a lei



A viagem é longa. Dois minutos de descanso para fumar um cigarro



O AC... ultrapassou uma camioneta na curva. Quasi apanhava uma carroça que vinha em sentido contrário. Mas tinha bom golpe de vista, o ladrão. A multa também andarà depressa



O arranco para uma subida difícil que a «Harley» galga sem esforço com a sua «prise» poderosa

são éles, com as mãos crispadas nos punhos das duas motos e a face batida pelo vento, que te persegue implacavelmente para te mostrar como deves seguir o teu caminho. Pois tu não sabes que as tuas loucuras representavam uma vida a menos em cada dia? Trezentos e sessenta e sete mortos num só ano! E mais de mil e quinhentos infelizes hospitalizados por tua causa. Vês? Mas desde que começaram a perseguir-te já sabes refrear os teus ímpetos. Tu e os outros, aquela dezena de milhar que teve de pagar mais de um milhão de escudos em multas para saber que a vida do próximo custa incomparavelmente mais do que isso. Infinitamente mais.

Pois é verdade: tu não sabias que essas longas fitas cinzentas e brilhantes que tu desejas ver desenrolar como serpentina carnavalescas arremessadas com ímpeto, não são apenas tuas. E arranxaste logo — porque és tu o culpado, com as tuas leviandades — uma terrível complicação burocrática.

Por decreto, foram oficializados totalmente os serviços de viação criando-se, junto da Direcção Geral de Estradas, um Conselho Superior de Viação. E, logo a seguir, foi aprovado o Código da Estrada e pôsto imediatamente em vigor. Isto já lá vai há mais de uma dezena de anos, mas tu não tiveste emenda. Foi como se ele não existisse, porque o não lêste. Fingias ignorá-lo. E, se alguma vez passeaste os olhos pelas suas páginas maçadoras, esqueceste-as logo que o abandonaste a um canto da tua estante. Para quê tanta complicação de sinais que é necessário decorar? As estradas são boas e largas e o teu carro dá cento e quarenta bem cronometrados. Acelerador a fundo, pois. E o código esquecido. Por isso te mimosearam com um corpo especial de policia de trânsito para a fiscalização e manutenção da disciplina nas estradas. E, remodelando-se profundamente a mecânica dos serviços de viação, foi criada a Direcção dos Serviços de Viação com cinco circunscrições: Norte, Centro, Sul, Açores e Madeira, mantendo-se o Conselho Superior de Viação apenas como órgão consultivo. Depois, aquela direcção foi elevada à categoria de Direcção Geral.

Tudo isto porque aumentaram sempre os imprudentes como tu. Nada menos de quatro mil em cada ano. Por isso, os 5.676 transgressores que existiram em 1930, se transformaram nos 43.348 de 1938.

Mas deixa, que a Policia está vigilante. O número de postos fixos atingiu o nú-

mero de noventa a par de um constante aumento das brigadas móveis para que a sua dispersão se faça sentir mais eficazmente. Todos os postos fixos estão providos de telefones (a voz caminha pelos fios mais depressa do que tu) e, portanto, em ligação directa com a Direcção Geral e respectivo comando e também entre si e com as diferentes autoridades.

Como vês, não escapas. E não tarda que essas comunicações — que são o teu pesadelo — sejam ainda mais rápidas, seguras e reservadas, com o estabelecimento de uma rede privativa de T. S. F.. Assim se conseguiu que os 136.359 quilómetros de estrada fiscalizados em 1930, subissem para 1.097.319, em 1938. A vigilância nas estradas é feita permanentemente por duzentos e vinte e quatro homens, incluindo chefes, ajudantes e guardas, dirigidos por um comandante e um adjunto.

São eles, com o risco da sua vida que velam pela sua segurança — tu, que já algumas vezes, porque os não respeitas e não sabes quanto lhes ficas devendo, lhes provocaste a morte.

Para quê, pois, essa vertigem de velocidade que te embriaga?

Não és tu quem pode dominar o espaço e o tempo para além de horizontes distantes e desconhecidos. Só tu serás eternamente seu escravo.



O motor ia a «falhar». Má ignição? Evidentemente. Falta de contacto no fio de uma vela



Dia e noite a estrada está guardada, graças a estes homens que a percorrem nas suas velozes motocicletas



Um P que não quer dizer paragem, mas pode ser interpretado assim algumas vezes



Os seus documentos, minha senhora?... Muito bem. Mas, não torne a esquecer-se de tocar o alarme nas curvas

FERIDOS DE GUERRA

Mãos brancas e aristocráticas que se movimentam num ritmo intenso de trabalho, dedos afuzelados e ligeiros, abraçados por anéis de preço, que vão escrevendo um novo poema de solidariedade lusobritânica. A luz baça e triste desta despedida de inverno vem através das altas janelas da antiga Feltria Inglesa, do Porto, onde as senhoras britânicas desta cidade criaram um perfeito organismo para colaborar com a Cruz Vermelha. Na sala imensa, dentro de batas brancas, movimentam-se como aves de paz e amor. Trabalha-se, aqui, para a guerra, não para matar, mas para salvar. Devoção consciente, devoção de minutos e atitudes consagrados aos que estão na «frente» e se sacrificam pelo futuro dos homens livres. Respa-se nesta quadra uma atmosfera de que há muito tínhamos saudades: anseio de alma, desejo veemente de que o coração volte a ser dono do planeta. Estas novas irmãs da caridade, discípulas queridas do carinho, da bondade e da ternura, sempre com o pensamento no céu, fazem pensos e ligaduras para os heróicos soldados britânicos que, se forem feridos, hão-de saborear a vitória. Os grandes e melhores fabricantes portugueses, numa espontaneidade que os honra, colaboram nesta obra santa, com a oferta de diversos e preciosos materiais. Vamos passando, ouvindo e admirando as servidoras de tão alto ideal, que «miss» Muriel Tait, distinta e amável, orienta firmemente. Deixam todas elas seus «chalets» na Boa Vista, na Foz, em Matozinhos, em Leça, e vêm, algumas horas por dia, para esta colmeia luminosa de generosidade. Há Inglesas que trabalham para seus irmãos e há, também, portugueses que juntam seus cuidados para o mesmo fim. Parece-nos que não se pode ir mais além em dedicação humana. De repente, nossos olhos rasgam-se de surpresa inolvidável: Guilhermina Suggia, Nossa Senhora do violoncelo, trabalha aqui também, para os soldados da Gran-Bretanha. Espanto? Não. Suggia, a dos dedos divinos, que venceu o mundo e todos os palcos difíceis da bela música, apaixonada da Inglaterra e, dezenas de vezes, em concertos inolvidáveis, coroado por jardins vivos de aplausos «filha querida de Londres», consagra-se voluntariamente, como a mais anônima das Inglesas, aos heróis do Reino Unido. A nossa sublime artista toca agora... música de munificência. Vamos andando. Nesta sala de trabalho, nesta sala de canção de dedos, ficam-nos, porém, os olhos presos aos de Guilhermina Suggia. Agora, eles já não arrancam às cordas musicais peças sublimes e emotivas, mas executam trabalhos de firme e nobre dedicação. A artista sem par, sem confronto, glória máxima do nosso tempo, entre damas britânicas, como que personifica ainda neste momento o Porto, que soube sempre, nas horas tristes e amargas, sentir desinteressadamente, coração com coração, as grandes causas e os grandes cometimentos Ingleses.

António de Sedleiros



Guilhermina Suggia, a notável artista portuguesa que a Gran-Bretanha tanto admira, retratada pelo grande pintor Augustus John



A secção dos pensos, onde trabalham senhoras portuguesas e inglesas



As mãos maravilhosas de Suggia que, em arca-das de insuperável beleza, têm traduzido a alma dos grandes compositores, trabalham agora para os feridos de guerra britânicos

A REELEIÇÃO DO CHEFE DO ESTADO



O Presidente do Conselho, sr. dr. Oliveira Salazar, depois de ter votado na assembleia da Escola Machado de Castro, conversa com o sr. ministro do interior



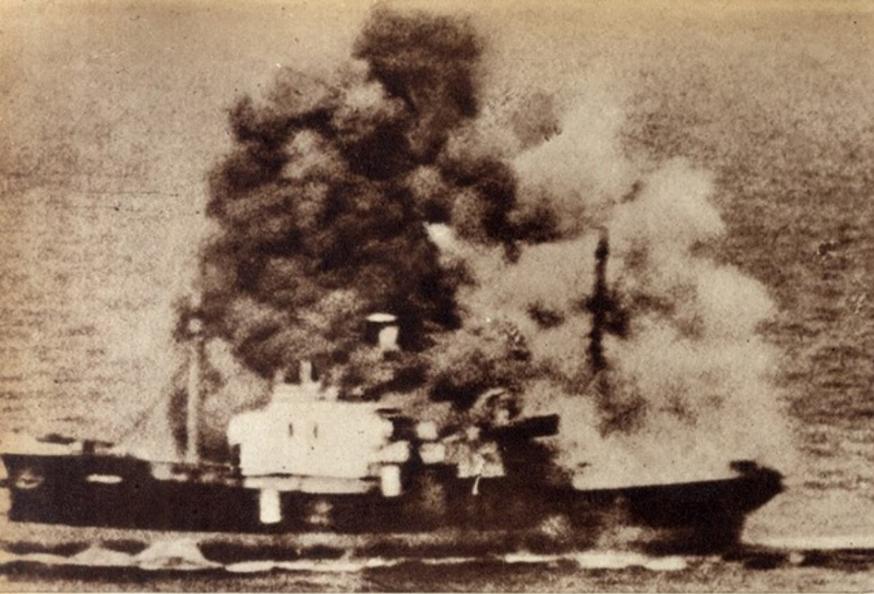
O ministro do Interior, sr. dr. Mário Pais de Sousa, toma conhecimento dos primeiros resultados eleitorais



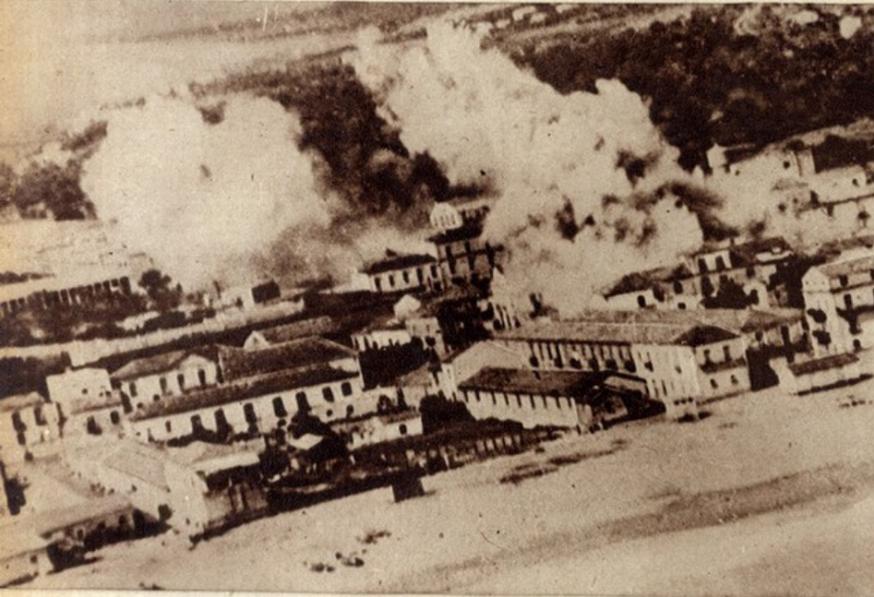
Uma secção de voto



O venerando Chefe do Estado, com sua esposa, na cidadela de Cascais, no dia da sua reeleição



A R. A. F. esmaga impiedosamente os raros navios mercantes do eixo que se aventuram nos mares. A sombra das asas gloriosas, uma bomba em cheio e um navio do inimigo arde até que os seus destroços sejam engulidos pelo mar



O domínio do Mediterrâneo continua na posse de Inglaterra. Os raids devastadores da aviação inglesa estendem-se até à Síria, a Nápoles e muitas outras cidades italianas. A R. A. F. passou sobre a cidade de Catanzaro destruindo uma fábrica de produtos químicos



As esquadras inglesa e americana varrem os submarinos alemães do Atlântico. A linha vital de navegação entre as duas grandes nações pode dizer-se que é agora invulnerável. Eis um submarino metido no fundo por uma corveta, cuja tripulação procura salvar-se a nado



Este gigantesco montão de sucata e de escombros é ao que foi reduzido o porto de Trípoli. A aviação britânica, com os seus constantes bombardeamentos, tem afundado e avariado dezenas de navios mercantes e de guerra como se prova por esta sensacional e flagrante fotografia

A CAMINHO DA VITÓRIA



O general Wavell na frente sudoeste do Pacífico, visita Singapura, cuja defesa heroica é mais uma página gloriosa das tropas imperiais



O general Gordon Bennett, comandante das forças australianas da Maláia. A acção retardadora das forças aliadas tem-se feito sentir notavelmente



A famosa estrada da Birmania com o seu traçado sinusoidal, assim feito para dificultar os ataques da aviação. Milhares de cantoneiros foram ali instalados podendo qualquer buraco provocado por uma bomba ser reparado em poucos minutos

FIGURAS E FACTOS



O ilustre embaixador de Portugal em Londres sr. dr. Armindo Monteiro, regressa à capital inglesa para reocupar o seu cargo



A festa dos escoteiros no salão do Século. Um grupo, com máscaras de guerra, num impressionante exercício



As cerimónias religiosas do funeral dos aviadores da R. A. F. alferes Adams e sargentos Berry, Mac Bride e Gray Hone, tripulantes de um bombardeiro que caiu próximo de Sezimbra. Assistem autoridades portuguesas, os ministros da Bélgica, Noruega, Polónia e Grécia, o conselheiro da Legação dos Estados Unidos, adidos aeronáutico, militar e naval britânicos, etc.



Os restos mortais dos aviadores britânicos repousam no cemitério anglicano. Soldados portugueses prestam honras fúnebres



Mrs. Monica Rankien, descendente do general Sir Baden Powell, fundador do escutismo, a quem um «boy-scout» oferece um programa da festa

O ORIENTE EM FOGO



As tropas americanas comandadas pelo glorioso general Mac Arthur combatem há dois meses valorosamente nas Filipinas o invasor japonês que, apesar da superioridade numérica, tem sido rechaçado nos pontos vitais daquele arquipélago



A aviação nipônica tem sofrido gravíssimas perdas na Malaia. Eis um aeroplano japonês que foi atingido em cheio por uma granada anti-aérea. Um malaio faz o sinal da vitória



O piloto, gravemente ferido, foi encontrado próximo dos destroços do aparelho abatido



A "allure" dos soldados imperiais britânicos que combatem na Malaia. Estes pertencem a um regimento de Manchester e têm-se distinguido pela sua audácia e temeridade



Dois gigantes: Churchill e o novo couraçado «Duke of York». O primeiro ministro despede-se de sua filha Mary, no momento de partir para os Estados Unidos



De regresso da sua triunfal viagem à América, Churchill, com o seu olhar sereno, domina o Atlântico

Memórias de Churchill

UMA CARTA DE EDUARDO VII

Entretanto aparecia o meu livro sobre a guerra da fronteira hindu. Chamava-se «O corpo expedicionário de Malakand» e teve um grande êxito. Quando me chegaram os primeiros recortes dos jornais com um exemplar do livro, senti-me orgulhoso. De toda a parte me faziam elogios e o leitor deve recordar-se que era coisa que eu, até aquela altura, não recebera. Na escola, os comentários que os professores faziam ao meu trabalho eram invariavelmente os mesmos: «mediocres», «mau», «mal feito». Agora, as revistas literárias e os seus melhores críticos inseriam colunas inteiras de louvor. Sentia-me hoje vexado se fôsse obrigado a transcrever as referências elogiosas que me dirigiram.

Entre outras, recebi uma carta que me deu um grande prazer. Reproduzo-a apenas para mostrar a atenção excepcional que mereciam ao príncipe de Gales, depois Eduardo VII, os trabalhos da gente nova.

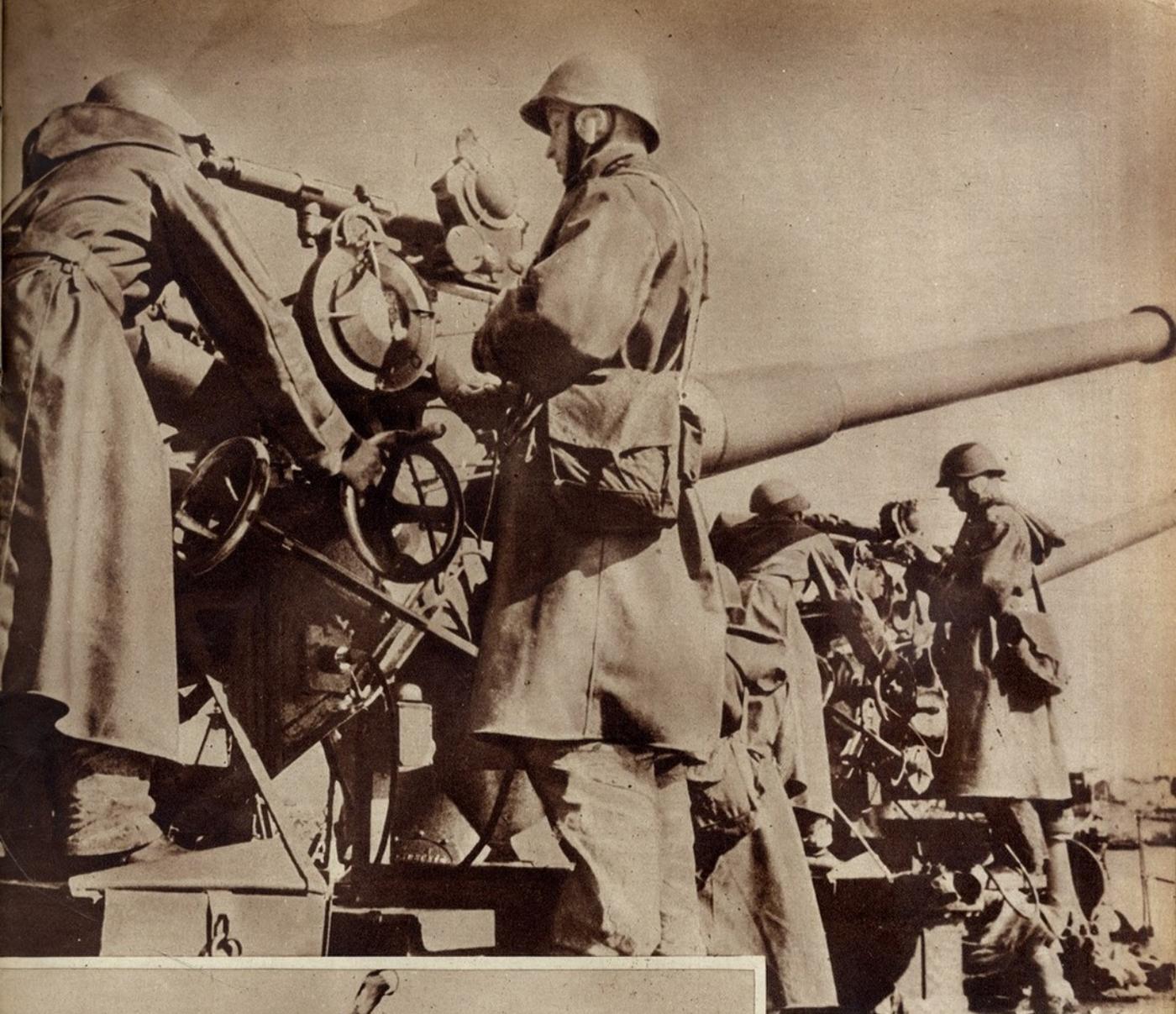
Meu caro Winston

Não posso deixar de escrever algumas palavras para te felicitar pelo êxito do teu livro. Li-o com o maior interesse e achei excelentes as descrições e o estilo. Toda a gente leu o livro e não ouvi sendo elogios a respeito dele. Agora, que sabes o que é o serviço militar estou certo de que o não deixarás. Continuarás e, com a sorte que teve Fincastle, alcançarás a Vitória Cross. Espero que não sigas o exemplo deste que vai abandonar o exército para entrar no parlamento. Tens muito tempo na tua frente e deves aproveitar parte dele no serviço militar antes de juntar ao teu nome o M. P. Sou, com a maior sinceridade, teu amigo certo

Eduardo

Não consegui licença a não ser quando a «equipe» de «polo» do meu regimento foi ao norte, em meados de Março, para tomar parte no torneio anual de cavalaria. Deram-me um lugar na «equipe». Assim fui a Meerut onde geralmente se realizavam estes campeonatos. Nós eramos os segundos, entre os melhores que tomavam parte no torneio. Fomos apenas batidos pelo vencedor do torneio, a «equipe» da famosa infantaria ligeira de Durham. Era o único regimento de infantaria que ganhava as taças da cavalaria. Nunca

(continua na página 29)



Navio de guerra russo



A cavalaria no Cáucaso

A CAMPANHA DA RUSSIA

A ocupação de Mojaisk marcou o término da primeira fase da contra ofensiva russa. A segunda fase, que prossegue, alterou o sentido inicial da pressão dos exércitos soviéticos. Esta passou a exercer-se a norte e a sul, e reflectiu-se directamente no curso das operações nos sectores de Leninegrado e da Ucrânia. O objectivo essencial dos atacantes parece ser, por um lado, o avanço substancial em direcção à fronteira dos países bálticos, e por outro, a libertação da região industrial do Donetz.

(continua na página 29)

Funâmbulos

A POESIA DO CIRCO



Entre os seus dentes de aço, o ginasta segura um lindo e esbelto corpo de mulher, borboleta branca adejando no espaço

Se, na legenda incumbida para as verdadeiras telas de Assombro e Riso que são sempre as imagens de Circo (e, mais discriminadamente, as de Palhaços ou Mimos)—o jornalista, intrépido ante o lugar-comum, glosa ainda o drama velho do vermelhão e do alvalade, impotentes para disfarçar traços de amargura e rugas de desencanto ou fadiga, reputá-lo-ão plagiador banal do libretista de ópera. Na injustiça de tal sentença, poderão flutuar destroços de razão crítica.

Efectivamente, o Circo é, sobremaneira, Luz e Alarido. Quando os programas marcam «Sinfonia pela Orquestra»; quando jorra e flagela o jacto lunar dos focos e os trapézios altos ganham nebulosidades de visão empoirada mas celeste; quando os cordames, as redes, as barras flexíveis como nervos e o rufar prolongadíssimo («Basta! Basta!») dos tambores que pontuam turbilhões vertiginosos ou séries de saltos mortais — mortais por serem elasticamente vivos... — transmudam todo o grande recinto maravilhoso em Barco solavancado de magias, febres e cores agressivas, não há, objectivamente, causa para branduras de ritmo chorado nem para evocar o génio melancólico de Charlie Chaplin, títtere divino, pisado mais do que a pista e o giz pelas sapatilhas acrobatas. A melancolia, a dor funda e amortalhada em ouropéis risíveis — mora longe do Grande Circo, museu das telas de Assombro e Riso!

Uma das primeiras revelações da «vocação para sofrer» (melhor: da vocação para sentir) dum triste petiz que conheci e ainda não morreu, inexplicavelmente — de tamanha forma é despercebido e desajudado pelo

Os palhaços são os últimos poetas da vida. Só eles entendem a alma das crianças e, para cada uma, têm sempre um sonho de fantasia, ou uma diabólica magia

mundo...—foi esta, que não me lembro se já contei. Cuido que não.

.....
Chegaram ao povoado onde era a sua casa e ele passava umas férias fugacíssimas da Páscoa, trêguas no internato lóbrego do colégio—uns pelotqueiros. Crianças, mais novitas do que ele — vinham duas: um *clown* de seis anos dotado de milagrosa veia cômica e com quem o rapazão dellrou desde a primeira vez, popularizando-lhe logo a alcunha cênica de «Pata Larga» — e a irmã, Glória, nove anos magros de fome, tismados da torreira do sol, desarticulados por sua arte de contorsionista e funâmbula. Nos olhos, nos nervos, no corpo delgado e na almita, Glória chispava labaredas de amor ao impressionante mester! Não trocaria — sentia-se! — por nenhum, mais farto e assente, o seu fado de Ouropel e Vadiagem, as cordas que trepava lépida, para atingir o balaço, à luz do luar e dos gasômetros.

Feiazinha, pintada de equimoses nas pernas ágeis, miserável — e gloriosa!

... Quando se despediram, o «Pata Larga» teve mais palmas e risadas dos campônios.

... A irmã, essa — fez verter lágrimas ao meu amiguinho sentimental que rabiscou os primeiros versos no seu caderno de cábula, prêso de curiosa saudade por aquela espécie de força festiva e misteriosa, erguida na noite alumada a estrêlas e *carboneto*.

.....
Mas não é este, paupérrimo e fatalista, o Circo que me foi dado legendar. Se o fôsse, não sei como me defenderia de glosar ainda uma vez o drama velho do zarcão e do alvaiade que não cobrem completamente vinhos de carências nas faces encortaçadas, pavorosamente hilares.

... Quando tôda a ficção nos deixa, como grãos de poeira numa estrada larga — por ninguém percorrida, a não ser pela recordação da pequena saltimbanca que, um dia, lá passou e se sumiu.

Rodrigo de Mello



No alto da cúpula, entre focos que parecem estrêlas, a artista vai arrojarse no espaço, numa parábola audaciosa



Os palhaços vão arrebatrar o público cantando o famoso tiro-líro



Os dois acrobatos dansam no espaço, a vida suspensa no grande abismo do circo

A OFENSIVA AÉREA DA INGLATERRA

A Gran-Bretanha conquistou a supremacia aeronáutica da Europa.

Obtida a esmagadora vitória da batalha de Inglaterra, a ofensiva aérea pertence agora aos poderosos bombardeiros da R. A. F.

A derrota alemã foi, essencialmente, devida às perdas sofridas por deficiência da protecção dos caças.

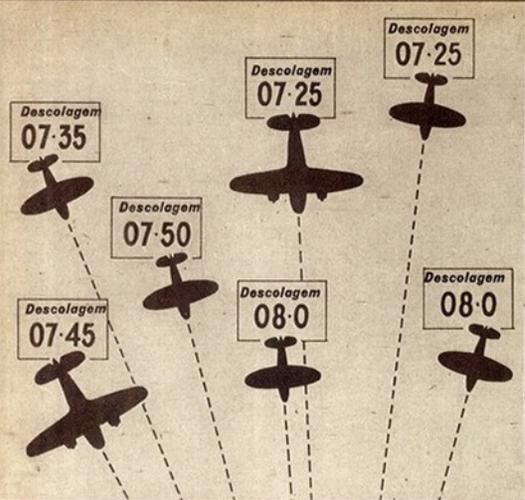
E a Gran-Bretanha não podia repetir o mesmo erro. Para isso, começou por enviar aparelhos de caça isolados, ou em pequenos grupos, contra as defesas terrestres, posições de artilharia e, sobretudo, contra aviões inimigos em combate individual. Estes primeiros raids, além de infligirem muitos danos às instalações e ao moral inimigo, deram aos pilotos britânicos

informações preciosas sobre o novo «Messerschmitt 109 F» e sobre a maneira de o combater no seu próprio território.

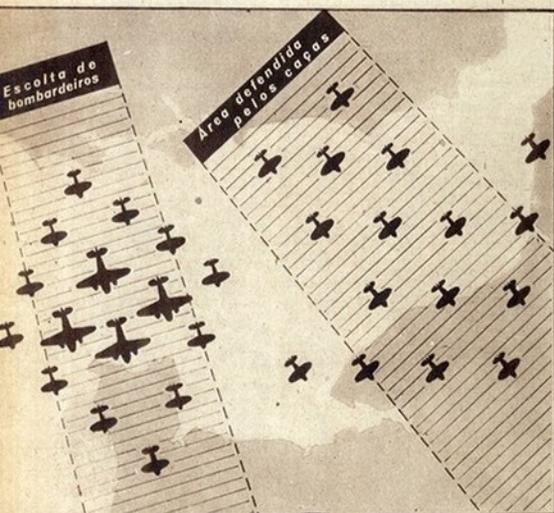
Seguiu-se, depois, a acção de maiores formações de caças para vóos de limpeza diurnos sobre os aerodromos inimigos. Isto ensinou aos ingleses tudo o que necessitavam conhecer acerca da tática de interceptação alemã.

Assegurada uma tática eficaz para combater e inutilizar os golpes dos caças alemães a R. A. F. reuniu às formações de caças esquadrilhas de bombardeiros, com a certeza de plena liberdade de acção.

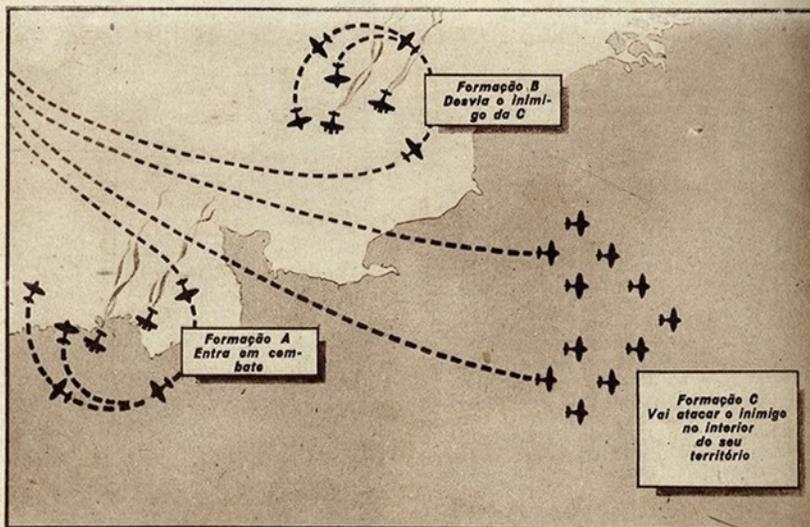
As gravuras destas duas páginas explicam, eloquentemente, a tática empregada pela aviação inglesa.



A R. A. F. vai voar sobre território inimigo, utilizando diversos tipos de aparelhos com missões bem definidas. Para que todas as esquadrilhas ocupem os respectivos lugares no momento de ataque, estabelece-se um horário de descollagem em função das respectivas velocidades



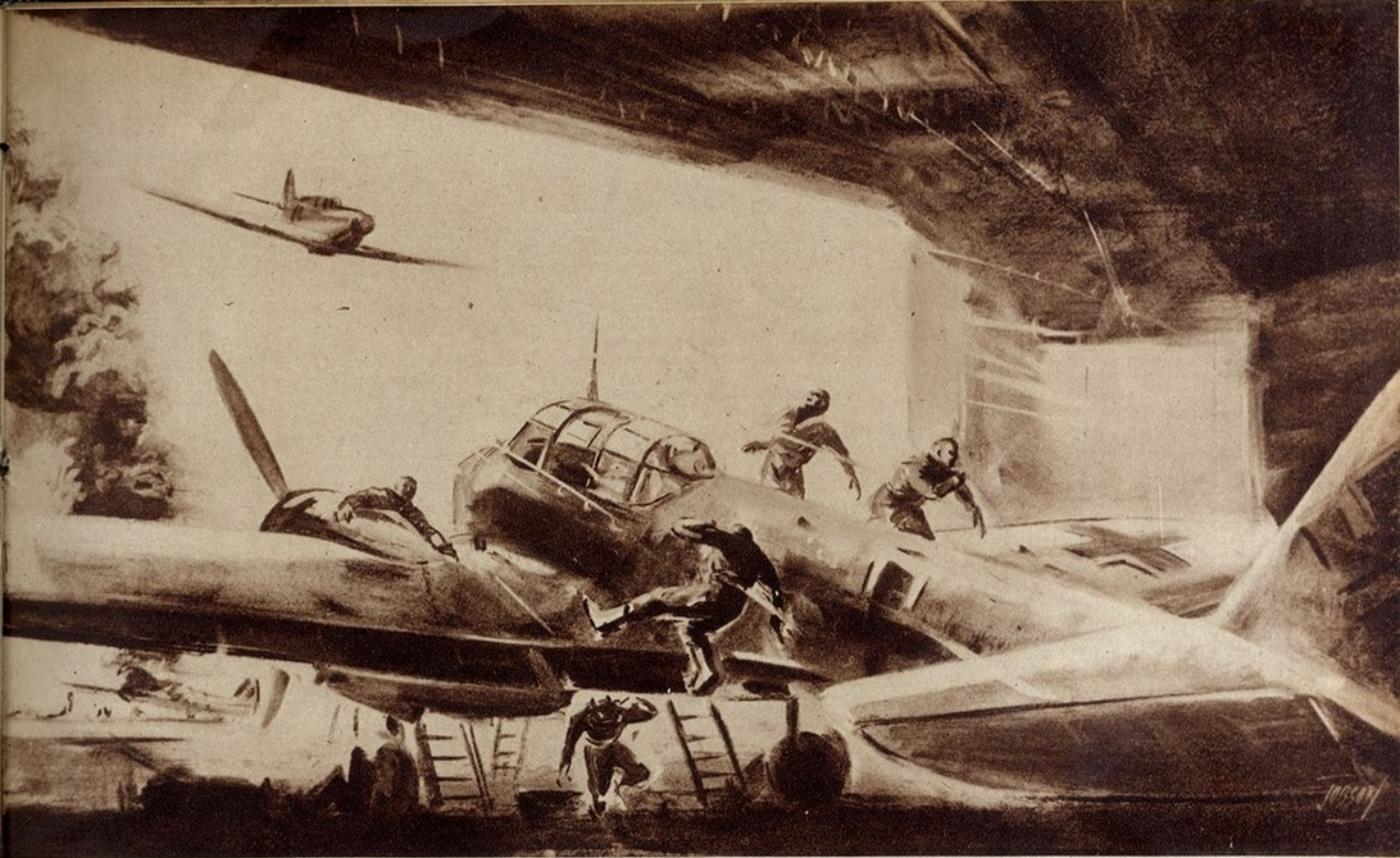
Os aviões britânicos atingem o território do adversário. A formação de bombardeiros corresponde um "envólucro de protecção", constituído por caças além das esquadrilhas encarregadas das operações de limpeza



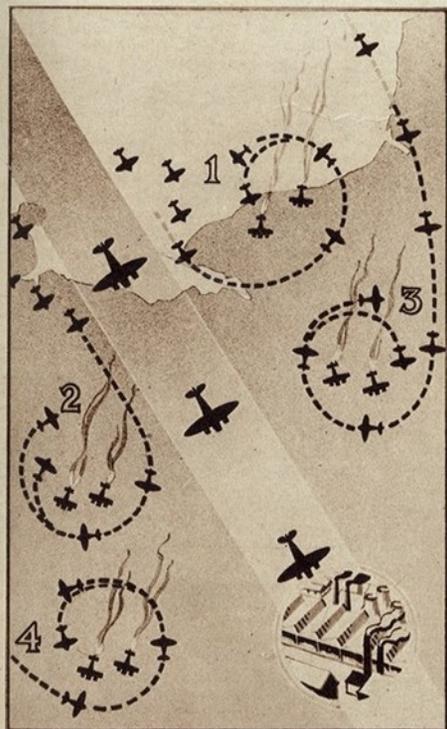
O primeiro encontro com a defesa aérea inimiga. Alguns aparelhos destacam-se da formação desviando o adversário, para abrir caminho. Os objectivos determinados vão ser rigorosamente batidos com plena liberdade de movimentos



Os bombardeiros ingleses lançam, implacavelmente, as suas bombas sobre as zonas industriais alemãs e dos países ocupados. Os caças inutilizam as tentativas do inimigo para deter a acção dos aviões de bombardeamento



Os caças da R. A. F. com o seu formidável potencial de fogo, levam a cabo, diariamente, destas operações de limpeza. Voando baixo, procurando os vales para escapar à observação do inimigo, ou ocultando-se nas nuvens, se as condições atmosféricas o permitem, aparecem de surpresa nos aeródromos inimigos metralhando implacavelmente as suas instalações. A razer o terreno, varrem à metralhadora o interior dos hangares e os aparelhos pousados na pista



Em cima: bombardeiros de grande velocidade lançam toneladas de metralha sobre os centros industriais do inimigo. O caminho está livre. Os "Hurricanes" e os "Spitfires" de acompanhamento, que constituem as esquadilhas 1, 2, 3 e 4, abrem passagem à formação de bombardeamento, defendendo os flancos.

A direita: eis o efeito do formidável potencial de fogo dos caças ingleses. A concentração das rajadas das oito armas automáticas abate irremediavelmente todo o aparelho enquadrado no seu campo de tiro. O poderoso canhão introduzido modernamente nos "Hurricanes" e "Spitfires", aumentou de tal maneira o seu poder ofensivo que lhes permite atacar os navios mercantes inimigos, afundando-os



PÁGINA FEMININA

DE AURORA JARDIM

ECOS DA MODA

A linha actual exige a simplicidade dentro da elegância. E também da comodidade, pois é preciso pensar no frio e na falta de conforto que, lá fora, existem. Até houve alguns costureiros que exageraram, criando uns casacos compridos, até ao tornozelo. Como se as pernas, sendo bonitas, pudessem alguma vez ter frio!...

As golas muito altas compreendem-se para tirar o frio da nuca e os capuzes também. Vêm-se muitas peliças, forradas de rato da América, coelho vulgar de Línex e até do plebeu gato que, na falta de perfumes, pode exalar o seu almiscarado aroma, tão apreciado outrora sob o pomposo nome de *musc*.

Os franzidos continuam a arrepanhar

os vestidos por todos os lados; uns, descem em catadupado espelho e detêm-se apenas na orla da saia, sendo subtilmente presos na cinta, outros dão importância às mangas, estes aninham-se nas algibeiras e os mais ousados enroscam-se em redor das ancas, numa espécie de duplo fôlho que fornece a largura *flottante* requerida pela moda.

A gola Medicis, muito subida atrás, fica bem com os chapéus pequeninos, género comprimido a cair sobre os olhos.

O *regalo volta a usar-se*. Esta frase não tem importância nenhuma: repete-se em cada princípio de inverno e nunca se lhe vê a efectivação nitida.

No *tailleur*, tanto se vê o casaco mais comprido como o mais curto. O primeiro é sóbrio e clássico; o segundo admite



Tule e strass — brilho e espuma...



Vestido-túnica, fantasista e encantador. Requite do preto e branco

tôdas as fantasias, tendo algibeiras engraçadas e sendo guarnecido com bordados.

Nos pés, vêm-se lá fora as botas de pele com sola de madeira acompanhadas por meias de lã que como as que os homens usam, são brancas ou de tom creme, o que dá um aspecto imprevisível e novo à silhueta.

QUANDO ESTIVER À MESA

— Não vire o copo como se quisesse equilibrá-lo no nariz. Beba pouco de cada vez. Antigamente, pegava-se na haste do cálice ou da taça; hoje é mais moderno pegar no copo.

— Não faça sopinhas — ainda que lhe custe...

— Não deite directamente para o prato ossos ou espinhas. Ponha-os no garfo. Os caroços das frutas passarão da boca para o prato por intermédio da colher.

— Não encha muito a bôca nem fale quando tiver comida lá dentro.

— Não ponha o talher sujo sobre a toalha. Deixe-o ticar no prato: o garfo com os dentes para baixo, a faca com o gume para a esquerda — nada de cruz nem ângulo. Os cabos voltados para si, paralelamente.

SABE PODARROSAR-SE?

Vai dizer-me que sim. Não a desminto, porque é feio, mas vou indicar-lhe quais são as normas a seguir, em tão delicada operação.

Depois me dirá...

— Nunca esfregue a borla pela cara, porque assim fechará os poros, impedindo a boa saúde da pele. Coloque placas de pó e depois passe uma escova fina para harmonisar o aveludado.

— Tenha cuidado com os cantos do nariz: nem de mais nem de menos.

— Nunca ponha pó nas pálpebras. Uma certa umidade dá-lhes graça.

— Passe o dedo com pó pelos pés de galinha para o fixar aí.

— Se o nariz é grande e o queixo é proeminente, coloque um pó mais escuro para ressaltar menos das outras partes que estarão podarrasadas de claro.

— Ao contrário do que se pensa, o pó claro é melhor para a pele que tem rugas, pois o escuro fá-las sobressair.

— O pó deve ser muito fino, leve e aderente.

Então?

UMA HISTORIA INFANTIL



Não me deixas andar primeiro, não?



Pois tens que deixar. Toma! Toma!



Sai daí, anda!... Ai, não sais?

Vultos da Velha Inglaterra

RAWLINSON

Raros países terão dado ao mundo uma tão numerosa pléiade de sábios e de artistas, como a Gran-Bretanha. Nas letras, nas artes, na ciência, a sua história acha-se plena de figuras culminantes. Não raro é encontrar-se, mesmo, grandes figuras militares atraídas pelas artes e pela ciência, negando a incompatibilidade do estudo da tática e da estratégia com os grandes problemas da investigação pura.

Neste caso está Rawlinson, militar organizador, diplomata, parlamentar e sábio orientalista.

Sir Henry Creswicke Rawlinson nasceu em Chaddlington (condado de Oxford), no ano de 1810. De 1820 até 1833 serviu como militar na Companhia Anglo-Indiana. Foi enviado à Pérsia como organizador do exército daquele país. Em 1844 é nomeado cônsul, e um pouco mais tarde cônsul geral em Bagdad.

O seu labor militar e diplomático não impediram de tentar as mais árduas empresas científicas. Por entre grandes dificuldades e até com risco da própria vida, Rawlinson conseguiu copiar a grande inscrição cuneiforme de Bisoutoun ou Behistoun. Uma das

grandes dificuldades a remover, em matéria de fontes históricas, era a decifração da coluna redigida em persa antigo. Tal dificuldade foi vencida pelo trabalho do sabedor e paciente Rawlinson.

Animado por tão grande sucesso, estudou, com frutuoso resultados, as inscrições de Ninive e de Babilônia. Foi o primeiro que estabeleceu o princípio da polifonia dos caracteres cuneiformes assírios.

Em 1856 foi nomeado membro do parlamento e membro do Conselho da Índia. Três anos depois é elevado a major general. Também foi embaixador em Teheran.

A sua pena devem-se: *Memórias sobre as inscrições babilônicas e assírias*, que deu brado nos meios científicos; *As Inscrições persas cuneiformes de Behistoun*, (1840), e a *História da Assíria* (1852). A sua obra capital é, porém, *As inscrições cuneiformes da Ásia Ocidental*, publicação dos anos 1861-1870-1891.

Rawlinson faleceu em Londres em 1895, na prolecta idade de 85 anos.

Eugénio Vieira



Pois tens que sair, pronto!



É melhor resolvermos isto a bem. Vamos tirar à sorte

MEMORIAS DE CHURCHILL

(Continuação da pagina 20)

De uma forma geral pode dizer-se que a fôra batido. As melhores «équipes» sucumbiam na luta com êles. As «équipes» de indígenas tinham a mesma sorte. As riquezas do Golconda e de Rajputna, os orgulhos do maharajah e a habilidade dos seus jogadores curvavam-se perante a infantaria de Durbam. Esta tinha conseguido bater todos os records do «Polo» hindu. As proezas que praticavam deviam-se ao espirito e à fôrça de vontade dum homem, o capitão Lisle, que mais tarde se distinguiu em Gallipoli e que como comandante dum corpo de exercito na frente ocidental levou os seus soldados a vitórias tão brilhantes como as que alcançara na Índia. Nós também perdemos com êles naquele ano, o último em que se realizou um campeonato de «Polo» na Índia.

Meerut ficava a 1.400 milhas ao norte de Bangalose e a mais de 600 milhas da região fronteiriça. A nos-a licença terminava três dias depois do «match» final e eram precisos exactamente três dias para regressar, pelo caminho de ferro, a Bangalose. Vindo por outro lado podíamos chegar a Peshwar em dia e meio. Eu andava tão desesperado que julguei que tinha chegado o momento de arriscar tudo.

O coronel Ian Hamilton, que já estava bom do desastre que lhe sucedera, retomara o co-

mando da brigada quando esta voltou do Tirah. Tinha uma excelente reputação no exercito. Era amigo íntimo e camarada de Sir George White e tinha excelentes relações com Sir William Lockhart. Há muito tempo já que eu mantinha correspondência com êle. Tinha feito por mim tudo o que lhe era possível, mas sem grandes resultados. Disse-me êle que havia muitos lugares vagos no corpo expedicionário. Mas as nomeações eram feitas em Calcuttá pelo ajudante general. Esta regra só admitia uma excepção: a nomeação de oficiais para o estado maior de Sir William Lockhart. Eu não conhecia Sir William Lockhart. A minha memória dizia-me que nem meu pai nem minha mãe lhe tinham sido apresentados. Como podia eu ir pedir-lhe um dos lugares tão apetecidos pelos jovens oficiais? Além disso os lugares do seu estado maior estavam completos.

Mas o coronel Ian Hamilton incitava-me a correr tal risco. Em certa altura escreveu-me:

«Farei tudo o que puder. O comandante em chefe tem um ajudante chamado Haldane que já serviu comigo. Êsse ajudante dispõe de grande influência. Há mesmo quem diga que dispõe duma influência excessiva. Se êle quisesse fazer-lhe êsse favor, tudo se arranjará. Já tentei preparar o terreno».

CAMPANHA DA RUSSIA

(Continuação da página 21)

temperatura, que durante a noite desceu a uma média de 40 graus negativos, e as tempestades inintermittentes não afrouxaram o ritmo nem o ímpeto da luta. Em toda a frente, embora com diversas modalidades, os combates prosseguiram com um encarniçamento que os comunicados oficiais dos contendores eloquentemente revelam.

O comando russo anunciou a ocupação de várias cidades pelas fôrças que iniciaram o avanço a partir dos montes Valdai: Kholm, Toropez, Zapdnai-Duina, Olenino e Staraiafioropa.

A primeira é a mais importante e aquela cuja ocupação pode revestir-se de consequências mais graves. Kholm é um entroncamento ferroviário, situado a cerca de 110 km. do lago Ilmen, no curso do Lovat, e que dista aproximadamente 150 km. da fronteira da Letónia. O avanço pronunciado que os russos realizaram neste sentido tem por fim cortar as comunicações das fôrças alemãs que cercam Leninegrado, separando-as dos seus centros de abastecimento organizados nos países bálticos. Era nos montes Valdai, de onde partiu o ataque, que se fazia a articulação entre o grupo de exercitos alemães do norte, comandado por von Leeb, e o grupo de exercitos do centro, em cujo comando o marechal List substituiu o seu camarada von Bock.

No sector central (Moscou) a progressão dos atacantes, a partir de Mojaïsk, fez-se mais lentamente. Em Rzev, onde se assinalaram combates de ruas, a resistência alemã tornou-se mais firme e o mesmo pode dizer-se em relação à zona de Kirov, já ocupada pelos russos. O avanço de Mojaïsk na direcção de Viazma, pela grande estrada que conduz da fronteira à capital, ultrapassou o campo de batalha de Borodino e a localidade de Uvarovo.

A cidade de Viazma, embora considerada em perigo, ainda não foi ocupada. Ao norte e ao sul de Viazma a ameaça soviética contra Smolensko adensou-se, embora sem fazer correr um risco imediato a esta última localidade.

No sector sul, na parte onde os exercitos de Timochenko defrontaram sucessivamente o comando alemão dos generais Rundstedt e Reichenau (o comando alemão neste sector parece encontrar-se agora confiado ao general von Bock) a luta prosseguiu, nas últimas semanas com a mesma violência. O objectivo das tropas soviéticas, além da libertação do Donetz, consiste em alcançar o curso do Dnieper onde se poderiam fixar para a hipótese duma ofensiva alemã da primavera. Assim o avanço tem-se acentuado na direcção da cidade de Dnieper-Petrousk. Simultaneamente os russos intensificaram a manobra de cerco em volta de Orel, Khar'kov e Kursk, com êxito decisivo, sendo menos felizes nas duas primeiras do que na última. Na Crimeia o comunicado russo confirmou a evacuação de Teodósia, anunciado há tempo pelos alemães e deu conta de novo desembarque especialmente nas regiões de Sebastopol e Eupatoria.

Como sintoma militar de carácter geral registou-se uma actividade mais intensa da Luftwaffe cujos aparelhos procuraram substituir a artilharia emudecida pelas condições do tempo; por seu lado os russos continuaram a empregar, em larga escala, os guerrilheiros e as brigadas de cavalaria e fizeram um ensaio com artilharia montada em «skis» com resultados que ainda se desconhecem.



Um oficial aviador inglês na frente russa

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA
CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON
CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas

Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA

R. da Misericórdia, 20-1.º
Telefones: 2 1802 - 2 1803

PORTO

R. Sá da Bandeira, 69-2.º
Telefone: 1 276

Carlos Ferrão

CINEMA

“O BOMBARDEIRO”

A grande incógnita aérea da América revelada em toda a sua impressionante verdade

Cabe à importante firma Warner Bros a honra de ter produzido as maiores maravilhas sobre os mais gloriosos feitos militares da história americana. Algumas foram imitadas sem, contudo, terem sido excedidas na sua envergadura espectacular. Outras culminaram tal perfeição e, mais do que isso, constituiram um arrojo técnico de tão vastas repercussões, que ficaram para sempre gravadas na mente do público. Para suplantar tudo quanto se tem visto de mais grandioso e heroico e revelar, a todo o mundo, as fantásticas possibilidades actuais, de domínio e de eficácia, da aviação americana, a Warner lançou mãos a uma tarefa que, sem favor, se deve considerar o mais gigantesco esforço cinematográfico dos últimos vinte anos. Essa tarefa, que nenhuma outra firma produtora igualou nem poderá exceder, foi a feitura de «O Bombardeiro», monumental super-produção colorida realizada, de forma impressionante, com o concurso das mais modernas esquadrilhas da quinta arma do exército americano. Perante as suas imagens, que forçam a admiração, colhe-se a impressão de que os sentidos ficam esmagados pelo potencial de emoção que elas oferecem.

A avaliar pelas referências estrangeiras e em face dos dessombrados e elogiosos comentários da crítica mundial, este filme, notabilíssimo em todos os aspectos, representa uma resposta a todas as perguntas e a todas as opiniões.

Graças ao poder maravilhoso do cinema, a grande incógnita aérea da América vai ser revelada, entre nós, em toda a sua esmagadora verdade. Não foram, somente, as qualidades de espectáculo deste filme excepcional que fizeram concentrar sobre ele as atenções de todo o mundo e o elevaram à categoria de um dos maiores filmes da hora actual. O que nos surpreende, porque palpita em todo o filme numa formidável sequência de imagens magníficas, é a impressionante visão do poderio aéreo que a América concentra dentro das suas fronteiras.

Qual o seu verdadeiro potencial? Como foi construída a sua nova e poderosíssima quinta arma e quais as suas características ofensivas e de destruição?

Poucos filmes, como este, alcançaram o grau de interesse que «O Bombardeiro» tem despertado em todo o mundo. E, de facto, uma obra que fica nos anais do cinema. O seu prestígio, a esmagadora força sugestiva do tema e, sobretudo, as proezas duma esquadrilha zombando da morte, proporcionam a visão de um espectáculo que nunca mais se esquece!

PEDRAS SOLTAS

Os representantes das firmas soviéticas, em Hollywood, receberam instruções para adquirir uma quantidade apreciável de cópias do filme de Charlie Chaplin — «The Great Dictator» — para serem exibidas em todos os cinemas da Rússia.

★

Imperturbabilidade britânica: Sir Cedric Hardwick, que se encontra em Hollywood, só tomou conhecimento de que a sua casa foi bombardeada quando, há pouco, recebeu a conta das obras que tiveram de ser feitas.

Antonio Lourenço



Errol Flynn e Olivia de Havilland vão aparecer em «Quatro são demais». Eis um título que promete...

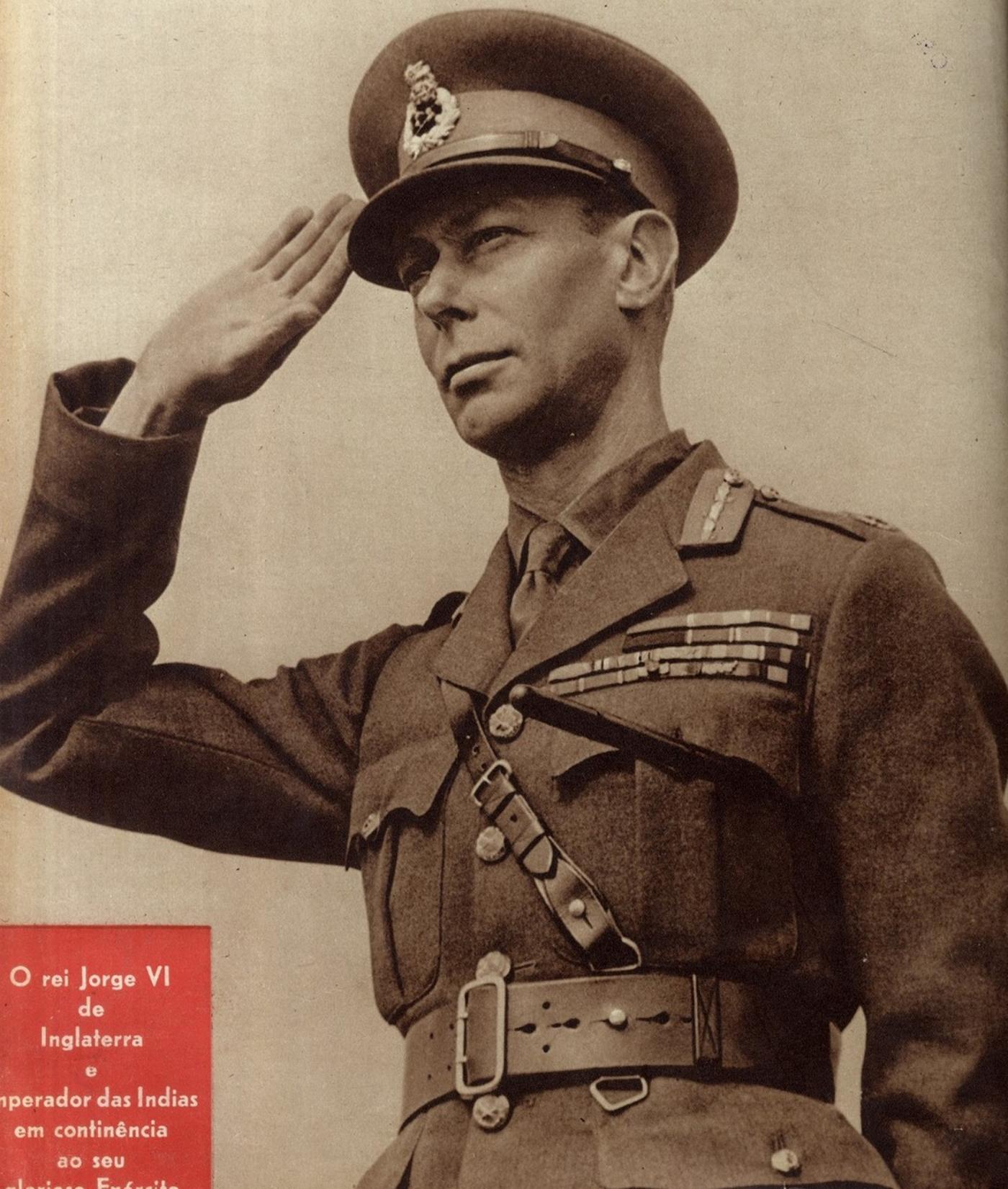


Charles Boyer e Bette Davis são os intérpretes duma espantosa maravilha, produzida pela Warner Bros, sob o título «Tudo isto e o céu também»



A formosa Bárbara Stanwyck, a quem o célebre Frank Capra confiou a protagonista de «Um João Ninguém», com Gary Cooper

MUNDO GRÁFICO



O rei Jorge VI
de
Inglaterra
e
Imperador das Índias
em continência
ao seu
glorioso Exército